



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CONDIÇÃO FEMININA EM PICOS DURANTE A DÉCADA DE 1960

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*

Francisco de Assis de Sousa Nascimento**

1

Período de intensas lutas políticas e socioculturais, a década de 1960 constituiu-se como um marco na história mundial devido as transformações ocorridas no Ocidente em decorrência das ações juvenis e de grupos de militância política e social que atuaram nesses anos.

O contato com o livro de Edwar Castelo Branco, *Todos os Dias de Paupéria*, mais especificamente a introdução e o primeiro capítulo, onde ele trata dos anos sessenta e o desencadeamento das subjetividades e das diferenças entre “corpo-militante-partidário e corpo-transbunde-libertário”¹ incitou-nos a reflexão em torno desta temática, surgindo curiosidades sobre as relações juvenis na cidade de Picos na década de 1960, seus espaços de lazer e sociabilidades que resultou, no nosso trabalho

* Mestranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí.

** Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. É professor da Universidade Federal do Piauí e líder do Grupo de Pesquisa: História, Teatro, Música e Estética.

¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 44.

de conclusão de curso². Picos, apesar de ser uma cidade localizada no interior do Nordeste brasileiro, compartilhava dos debates efervescentes que ocorriam no mundo. Contudo, várias questões ainda ficaram por serem analisadas, especialmente, no que se refere a postura das jovens moças diante das relações de casamento, trabalho e sexualidade no período, uma vez que foi nesse momento, segundo as discussões historiográficas, que as mulheres passaram a ter domínio sobre seu próprio corpo, e alguns desses indícios também são encontrados nas entrevistas realizadas para a monografia.

Em busca de perceber e conhecer as experiências vividas pela juventude feminina picoense, esta pesquisa, que se encontra em andamento, toma como prioridade os elementos culturais dessa sociedade, que apontam para a constituição do ser mulher.

Nesse trabalho utilizamos depoimentos orais recolhidos através de entrevistas com jovens que fizeram parte do cenário dos anos sessenta na cidade de Picos. Suas memórias coletivas nos permitem então reconstruir um passado. A memória possibilita ao indivíduo um sentimento de identidade baseado nas representações simbólicas. Assim, buscamos apreender a construção de uma memória coletiva sobre a época proposta para o estudo, considerando que Pierre Nora chama de memória coletiva “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”.³

A condição da mulher brasileira do início do século XX passou por uma série de transformações que geraram discussões acerca da participação feminina em assuntos socioeconômicos, culturais e políticos. Em decorrência das alterações sofridas no cotidiano feminino alguns questionamentos surgiram influenciados pelos debates que fervilhavam desde fins do século XIX em países da Europa e nos Estados Unidos, em que mulheres reivindicavam o direito a melhores condições de trabalho nas fábricas, tais como a redução da jornada de trabalho e aumento nos salários, lutando também pelo direito de votar e ser votada.

² OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. 2011. 78 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. Orientada pela Prof^a. Msc. Marylu Alves de Oliveira.

³ NORA, Pierre apud LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed., Campinas: UNICAMP, 2003, p. 467.

As reivindicações organizadas por grupos de mulheres fez surgir um movimento caracterizado como feminismo, que dentre outras definições pode ser refletido como um movimento que “[...] abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade”.⁴ Historicamente o movimento feminista pode ser classificado dentro de alguns momentos como afirma Céli Regina Pinto⁵, dentre estes podemos citar: o momento sufragista, o jornalismo feminista e o anarquismo feminista no início século XX. Durante a segunda metade do século, o movimento ganha outras características: o feminismo cultural, de manifestação pela igualdade de direitos e o feminismo acadêmico – que ajudou na construção da proposta da escrita de uma historiografia pensada na mulher como objeto central de estudo: *História das mulheres*. No final do milênio ocorre um feminismo difuso que promove diversos campos de luta feminino: desde a questão das diferenças dos gêneros, a liberdade sexual e política. Durante o século passado, as mulheres descobriram-se socialmente e passaram a lutar para conquistar espaços no âmbito público, já que desde longo período histórico o papel da mulher era de submissão ao homem e de aprisionamento no espaço da casa.

Por muito tempo, na corrente positivista, a palavra “homem” foi representativo de igualdade entre homens e mulheres, pois tratar da história dos homens era tratar de uma história universal. A Nova História Cultural surge como uma alternativa ampla no sentido de apontar para uma variedade de temas, fontes e objetos, entendendo-se como uma história plural, com novos olhares, como por exemplo, para os sentimentos e sensibilidades, e, além disso, para as mais variadas abordagens, entre elas a cultura, a morte e o amor. Segundo Pesavento, “este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de fontes”.⁶ Entre os diversos

⁴ HAHNER, June. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 9.

⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69.

campos temáticos está o caracterizado como *história e gênero*, que, de acordo com a perspectiva de Joan Scott⁷, é uma categoria útil para a análise histórica, onde as relações entre o masculino e o feminino devem ser analisadas e entendidas como categorias indissociáveis e construídas culturalmente. Mas nem sempre a história dos gêneros foi foco das pesquisas acadêmicas, especificamente no que tange ao gênero feminino. Sobre a invisibilidade das mulheres na produção histórica, Michelle Perrot comenta: “Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução”.⁸ Mas partir de 1960, quando os papéis de boa moça, boa filha e boa mãe passaram a ser questionados, os cuidados que até então eram apenas com o lar passaram a ser transformados/divididos com os cuidados com o seu próprio ser, com o corpo, assim como também algumas mulheres passaram a defender o amor livre, o direito ao prazer e a ter domínio sobre a sua vida, principalmente, através do uso de métodos anticoncepcionais que permitiam a estas decidirem e planejarem quantos filhos teriam, além de escolher o tempo certo para tê-los, ou mesmo se desejariam tê-los, a produção historiográfica também assumiu o objeto *mulheres*, como uma possibilidade de construção de conhecimento.

É nos contornos do século XX que a mulher aponta como um gênero em construção, onde ela se percebe sujeito da sua própria história e resolve libertar-se das amarras da inferioridade e do mutismo determinados pela sociedade patriarcal, estabelecendo “uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas”⁹.

Robert Darnton nos ajuda a pensar a condição feminina quando aponta que [...] os historiadores podem beneficiar-se de uma visão antropológica da cultura quando se

⁷ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

⁸ PERROT apud MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13.

⁹ SCOTT apud GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 66.

veem diante de algo muito concreto [...] ¹⁰, pois a antropologia histórica trata o simbólico no social, através da interpretação de pequenos indícios que configuram a sociedade. Na perspectiva *geertiana*, a antropologia histórica aponta para a descrição e observação de fatos passados.

As transformações ocorridas ao longo do século XX, no Brasil e no mundo, assinalam pequenas e grandes modificações no cotidiano feminino. Várias singularidades e multiplicidades de formas de ser da condição feminina podem ser vistas e analisadas nos espaços urbanos e rurais. No decorrer desse século, essas variações percorrem vários aspectos: vão desde a saída de casa para o espaço da rua, o trabalho, a sexualidade, as relações familiares e o casamento. Estes elementos vão sofrendo as novas exigências da contemporaneidade e fazendo com que as mulheres se adequem a novos papéis e novas funções sociais. Isso se acelera desde a década de 1960 com o processo de intensificação do questionamento da ordem social, especialmente vinda dos jovens, no que tange aos papéis tradicionais que lhe eram conferidos pelos mais velhos. Percebe-se o impacto da revolução sexual na década de 1960, no sentido de que esta revolução sexual possibilitou o exercício da sexualidade feminina sem censura e sem medo, visto que nas décadas anteriores, o sexo estava ligado apenas a ideia de procriação e a valorização do prazer era possível apenas nos prostíbulo.

Diante de várias entrevistas realizadas, percebemos que a memória de uma condição feminina pode ser apreendida a partir das relações tradicionais, assim como dos novos papéis sociais que estas mulheres se atribuía.

Comumente, moças sonhavam com o amor e o casamento, em detrimento do investimento no ensino de terceiro grau e em uma possível profissão. Parte das mulheres que viveu a juventude no período, ainda que incentivada a investir em outros projetos, considerava que a realização pessoal e afetiva seriam vividas no casamento. Enquanto que outras, que passaram a considerar importantes o ensino superior e o exercício profissional, não prescindiram do projeto de casar e ser mãe. ¹¹

¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. Revista Topo. Entrevista com Robert Darnton. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5ent.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

¹¹ CARDOSO, Elisângela. Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea II). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010. p. 13.

Para tanto, lançamos o questionamento central: como a memória de mulheres que vivenciaram a sua juventude na década de 1960, apreendeu a condição feminina na cidade de Picos através das relações do casamento, a partir da ideia do amor romântico, assim como, também, da educação, do trabalho e da sexualidade?

As mudanças que ocorriam no Brasil e no mundo são perceptíveis também em pequenas cidades, como demonstrada na fala da depoente relativa a escolha de não casar-se:

Dado ao meu grau de exigência, de achar que um homem primeiro, tinha que ser muito inteligente para mim, né. Nunca gostei de homem burro! [...] o homem não poderia ser machista ao extremo, como na época eu convivi com pessoas extremamente machistas. E eu era uma pessoa com aquela liberdade dentro de mim, que eu sonhava ter, como mulher. De vestir o que eu gostava, de me maquiar, de passear. E os namorados me prendiam, queriam ser donos de mim e eu não gostava de ser propriedade de ninguém. Acho que foi meu gênio mesmo.¹²

Dado o exposto, compreendemos que a opção em não contrair matrimônio é indicativo de que algumas mulheres picoenses delinearam novos contornos para as suas vidas, o principal deles, o avanço nos estudos, levando a participação escolar para além das primeiras letras. As escolas normais, inclusive, configuravam como um espaço essencialmente feminino e que as habilitava a exercer a profissão de professora, ofício seguido pela grande maioria das jovens picoenses. Nesse sentido, o maior grau de instrução tornou-as mais exigentes na escolha de seus pretendentes, chegando muitas delas, a não se casarem por não encontrar um rapaz que correspondesse aos seus interesses. O fato de alguns homens carregarem consigo o sentimento de posse sobre a mulher constitui em outro elemento que contribuiu para que algumas jovens permanecessem solteiras.

A desterritorialização feminina tornou-se mais forte no ambiente doméstico no que se concerne a casar-se e ser mãe, visto que, o anseio pela instrução e profissionalização aumentava com o passar dos anos¹³. Até a década de 1950, as moças sonhavam, primordialmente, com os “príncipes encantados” e em constituir uma

¹² MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

¹³ CARDOSO, Elisângela. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p. 210.

família, após esse período os papéis se inverteram, tornando o estudo e o trabalho os principais investimentos de algumas moças, sobretudo com o apoio da família.

De acordo com Elisângela Cardoso,

com efeito, uma das funções escolares era usar mecanismos disciplinares para que os valores morais dominantes fossem internalizados. E fundamental que as jovens se subjetivassem como *meninas direitas, moças de família*, aprendendo que não deveriam se misturar aos meninos/rapazes e que não eram os pais ou as professoras que deveriam controlá-las, eram elas que deveriam ter autocontrole.¹⁴

O autocontrole era internalizado pelas jovens que vigiavam-se, como relato de uma entrevistada sobre o *Bar do Pipoca*:

[...] ele só era frequentado por homens, então lá tinha todo tipo de jogo, sinuca, era baralho, era dominó. Aí uma amiga nossa, ela era uma pessoa na época, emancipada, pra frente, a gente chamava *prafrentex*. A gente só dizia que ela era *prafrentex*. E ela, na época do ginásio, fumava. E naquela época, mulheres fumavam, mas era até permitido, mulheres fumavam abertamente assim. Eu experimentei cigarro, mas nunca gostei, não cheguei a fumar porque eu nunca gostei, mas experimentei cigarro, minhas colegas fumavam, só que eu nunca gostei mesmo de cigarro. E ela disse: “Ó, quanto que vocês me dão? Vocês me dão uma carteira de cigarro para mim, para eu entrar naquele Bar do Pipoca”. Eu disse: “Tu não é doida de entrar.” “Vou, quero saber por que é que os homens entram e mulher não pode entrar naquele bar? Eu quero saber por que não pode entrar, o que é que tem naquele bar?” Aí nós juntamos uma turma todinha e “vamos dar uma carteira de cigarro para você”. Era Hollywood o cigarro que ela gostava. “Eu entro!”. Pois ela não entrou! Foi o maior... “Menina, o que é que você faz aqui? Você é louca? Saia daqui.” Ela disse: Ó, lá [...] eu só vi que não tem nada de bonito, é as paredes velhas fedidas, [só tem] catinga de xixi e de cachaça e de cigarro, mas não tem nada, só jogo, jogo, jogo. Não tem nada de mais.”¹⁵

Aberto dia e noite, o *Bar do Pipoca* era um espaço de lazer picoense onde os rapazes se encontravam com os amigos para conversar, beber, fumar e jogar os mais diversos “jogos de azar”. Reuniam-se ainda para escutar as histórias dos contadores de lorotas,¹⁶ para tocar violão e se divertirem longe da presença feminina. Esse estabelecimento incitava a curiosidade feminina da época. A presença feminina não era

¹⁴ Ibidem, p. 82

¹⁵ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

¹⁶ Lorotas são histórias engraçadas inventadas pelos contadores.

benquista nesse espaço, com isso, as mulheres passavam a construir imagens acerca de como era o *Bar do Pipoca* e o que se passava lá dentro.

No imaginário das moças, esse bar era um local de encontros clandestinos com mulheres de reputação duvidosa. A curiosidade era tamanha, que uma moça, consciente de todos os tabus que envolviam a honra feminina na época, resolveu quebrar as barreiras adentrando nas dependências do bar. Esse acontecimento é representativo do comportamento feminino e sua relação com os espaços masculinos.

As relações entre os gêneros se modernizavam e, ao mesmo tempo, mantinham-se velhos preceitos, pois a exigência de contenção dos costumes foi uma exigência que atravessou o período em estudo. O namoro deveria ocorrer em função do casamento, assim como também o usufruto do corpo e da sexualidade deveriam se restringir ao matrimônio.¹⁷

Na sua obra *A sexualidade, ontem e hoje*, Jean-Philippe Catonné trata das renovações acontecidas na atualidade no que se refere ao modo das mulheres enxergarem questões como a procriação, a relação com os métodos contraceptivos e com o ato sexual¹⁸. No que se refere a cidade de Picos, percebemos que em relação à sexualidade, a sociedade ainda mantinha antigos valores morais a ser seguidos, as moças de respeito estavam determinadas por parâmetros socialmente construídos a conservar a pureza, preservando a sua integridade. Eram comparadas a Maria, mãe de Jesus, portanto, deviam ser imaculadas, puras e virgens. As moças que exerciam ativamente a sua sexualidade era marginalizadas, sendo associadas à Eva, símbolo do pecado original, causadora dos males da sociedade.¹⁹

As questões de honra e pudor feminino em 1960 eram barreiras que ultrapassavam os limites de amizade e de sociabilidades, como vemos neste trecho:

Quando eu era menina, eu me lembro de minha mãe, que ela tinha uma grande amiga que depois ela foi casada, separou e ela foi ser madame de cabaré, era uma das mais importantes. [...] Eu me lembro um dia na feira, minha mãe parou para conversar com ela, aí o irmão da minha mãe, que morava no interior, bateu no ombro dela e puxou a minha mãe, aí falou assim para ela: “Olha, esqueça! Hoje ela não é mais mulher para conversar com você, hoje ela é madame de cabaré.”

¹⁷ CARDOSO. 2010, op. cit., p. 16.

¹⁸ CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 20.

¹⁹ Ibidem, p. 67.

Aí minha mãe ficou assim, né, depois se tocou. Elas eram muito amigas, ela a viu e foi conversar com ela na feira.²⁰

Após serem abandonadas pelos maridos, algumas mulheres procuravam a prostituição como saída para a sua sobrevivência e a dos filhos. A partir desse momento ela não era mais aceita no seu antigo ciclo de amizade, por se tornar uma má influência e afetar a honra das mulheres que compartilhassem na sua amizade.

Citando Teresinha Queiroz,²¹ na década de 1960 em muitas partes do Brasil e do mundo, os ventos avassaladores das transformações estavam sendo propostos, mas nem todos os jovens embarcavam. A liberação sexual feminina que permeava os anos sessenta não se constituía como uma ação uniforme e contrastava com antigos valores sociais. Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para posteriormente se casarem e tornarem-se boa esposa, boa dona-de-casa e boa mãe. Este era o “destino natural” das jovens, impregnado de valores antes mesmo do seu nascimento. Percebemos que, mesmo os sujeitos picoenses compartilhando dos constantes debates que ocorriam no Brasil e no mundo sobre a condição do ser feminino, os discursos que prevaleciam na cidade de Picos em torno da mulher as condicionava como naturalmente esposa, mãe e dona-de-casa.

Em Picos, algumas jovens, após terminarem o ensino secundário, continuavam os estudos através do ensino profissionalizante para formação de professores na Escola Normal Oficial de Picos. Muitas se tornaram professoras, saindo do espaço da casa e projetando-se por novos rumos na esfera pública, deixando, inclusive de casar.

É salutar, portanto, destacarmos os anseios de parte das jovens picoenses em libertarem-se de papéis sociais pré-determinados. O estudo aumentava a exigência das moças, que procuravam rapazes cada vez mais inteligentes para se relacionar. Uma maior instrução levava ainda essas moças a questionar a submissão imposta à mulher com a prática do casamento. Essas moças queriam liberdade, poder fazer escolhas, ter vontade própria. Optavam apenas por trabalhar e continuavam, muitas vezes, ao lado da

²⁰ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

²¹ QUEIROZ, Teresinha de J. M. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 274.

família, ajudando e cuidando dos pais. Algumas permaneceram solteiras por não conseguirem se desprender dos laços fraternais.

Percebemos que as mulheres entrevistadas expressavam nas suas falas o desejo de liberdade, de ir além dos padrões estabelecidos para as suas vidas, as singularidades podem ser observadas, quando estas mulheres decidem não percorrer o caminho da condição mãe-mulher-esposa-dona-de-casa, vinculando-se a um universo diferente, apontando para novas formas de ser da condição feminina.

Algumas mulheres, mesmo correndo o risco de abalarem a sua reputação, não se continham em ficar presa no ambiente doméstico e saíam pelas ruas a vivenciar os espaços da cidade, pois a esfera pública era um local de experiências essencialmente masculinas.

Nesse sentido, o trabalho proposto visa compreender a década de 1960, a partir da condição do ser feminino.

No andamento da pesquisa surgiram ainda outras inquietações, que apontam para a compreensão de algumas variáveis da condição feminina, entre elas: como as mulheres picoenses se percebiam diante das condições femininas tradicionais dentro do casamento, da maternidade e do espaço doméstico? Até que ponto a revolução sexual influenciou o comportamento das mulheres picoenses na década de 1960? Quais as representações masculinas acerca da mulher picoense na década de 1960? Como se davam as relações no casamento a partir do amor romântico? Como a identidade da mulher picoense estava delineada após as discussões feministas que agitavam o país e o mundo? Tais questionamentos serão respondidos no desenrolar da pesquisa.

10

FONTES

MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Elisângela. Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea II). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010.

_____. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Revista Topo. Entrevista com Robert Darnton. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5ent.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAHNER, June. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed., Campinas: UNICAMP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Teresinha de J. M. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 274.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.